

Quando o santo não é forte

Felípe Ferreira De Nichile¹

Resumo: Este ensaio busca ilustrar por meio da poesia contida em uma música de Mart'nália a possibilidade de vislumbrar os fantasmas determinados psiquicamente pelas identificações inconscientes. Estas últimas, de um modo rígido, acabam estabelecendo o lugar a partir do qual o indivíduo, que carrega tais fantasmas em sua fantasia inconsciente, é convocado, em sua posição de receptor de uma mensagem dentro da Torre de Babel da comunicação, a responder. A flexibilização dessa posição coincide com a conquista de uma alternância entre as posições depressiva e esquizoparanoide.

Palavras chave: Bion. Fantasia inconsciente. Identificação projetiva. Klein. Posição depressiva.

“O samba da minha terra deixa o corpo mole,
Quando se canta todo mundo bole”
(Caymi, D.)

¹ Psicólogo clínico, docente e supervisor clínico do curso de Formação em Psicanálise no Centro de Estudos Psicanalíticos, mestre em psicologia clínica pelo núcleo Formações da Cultura e Subjetividade pela PUC-SP e membro filiado ao instituto Durval Marcondes da SBPSP. Autor do livro – Paciente limite: entre Winnicott e Green. Ed. Novas Edições Acadêmicas, 2015.

Introdução

Uma das mais intrigantes qualidades que tenho verificado na psicanálise, que deriva das ideias de Melanie Klein e, posteriormente, no modo como Bion continuou a desenvolvê-las, é a característica que ela possui de tornar possível um olhar mais acurado (até mesmo mais criterioso, eu diria) para a ambivalência dos afetos que se estabelecem a partir das situações que experimentamos. Em outras palavras, os conflitos entre sentimentos contraditórios ou até mesmo complementares que estão constantemente presentes em qualquer situação que envolva uma interação emocional humana. Isso significa que, tanto nas experiências que vivencio no consultório, junto aos meus analisandos, quanto em situações cotidianas em que me sinto mais intimamente tocado, quer seja por alguma obra de arte ou literária, que seja por alguma conversa escutada meio que de soslaio, durante um almoço, por exemplo, em uma mesa ao lado, a ambivalência afetiva estará ali marcando sua presença.

Assim, muitas vezes, chego a considerar se não seria um golpe ainda mais impactante ao nosso narcisismo a interessante percepção de que, até que nossa sensibilidade possa efetivamente entrar em contato com as sutis nuances desse estranho fenômeno, permanecemos, a maior parte do tempo, adormecidos, absortos e completamente surdos a suas vozes. Ao mesmo tempo em que, sugestionados inconscientemente pelo narcisismo, atuamos incessantemente sob a influência de seus efeitos, muito embora os limites que envolvem nossa percepção muitas vezes nos permitam seguir jurando que em momento algum deixamos de ser os senhores de nossos próprios espaços. A onipotência, portanto, até por sua primitividade, acaba sendo uma espécie de corolário dos mecanismos de defesa, utilizados por nosso Eu para manter-se intimamente afastado desse tipo de experimentação, pois, apesar de soar um pouco tola, o objeto que nos gratifica, geralmente, é o mesmo objeto que costuma nos frustrar, conforme podemos constatar na convivência com nossos semelhantes (e de modo preponderante quando se trata de crianças). Basta uma pequena pitada de frustração para que nossa persecutoriedade volte a reinar soberana em nossa casa psíquica.

Experiência emocional e ambivalência

A experiência de expansão psíquica, que na falta de um nome melhor denominarei de *aquisição de certa depressividade*, equivale à possibilidade de, por meio de nossas experiências de interação com outros seres humanos, permitir que nossas mentes emergam de uma espécie de claustro, no qual elas,

aparentemente, permanecem imersas, entorpecidas pelos gases tóxicos que emanam de uma sensorialidade inocentemente viciada: algo que as mantém cativas em uma espécie de pesadelo direcionado. Esse inferno tóxico, que muitas vezes teimamos em chamar simplesmente de realidade, assemelha-se àquilo que Freud (1913/1980), paradoxalmente, soube conceituar como a “miséria neurótica”, uma dimensão fantasmática que geralmente desconhece o tempo e o espaço, proporcionando terríveis distorções sobre *o pensar*. Diante de tão nefasta imersão, em uns poucos momentos, nos é permitido saborear algumas lufadas de ar puro, algo de natureza estranhamente familiar e que nos permite experimentar o acesso, ainda que ínfimo, à nuvem de complexidade sob a qual nossa leitura da realidade tende a se organizar, sentimento este que é acompanhado de uma vertigem de esclarecimento e integração que os mais ousados insistiriam em chamar de *verdade*. De um modo geral, inclusive, não é incomum ouvirmos de analistas experientes que demora cerca de dez anos o processo que nos habilita a mais propriamente diferenciar o material latente do material manifesto.

Todavia, se partimos do pressuposto de que o acesso a tão preciosa camada perceptiva tem o condão de enriquecer de forma determinante nossas vidas e nossos pensamentos, porque será que o seu acesso permanece para nós tão limitado, ou seja, não nos é dada a faculdade de estabelecer nossa residência nessa estranha dimensão, tal como Klein teria querido que fosse? Nesse sentido, alguns irão defender que foi preciso que viesse a existir um Bion, para que, por meio de suas ideias, pudéssemos começar a sonhar a respeito do quanto nosso mundo interno necessita desse constante movimento de alternância entre esclarecimento e alienação, posição depressiva e posição esquizoparanoide, para se organizar de um modo minimamente saudável², dado que a formação de pensamentos necessita, entre outras coisas, dessa alternância incessante entre vida e morte, movimento e repouso; abstração e generalização, excitação e tranquilidade.

Ainda que a complexidade que advém dessa alternância seja por si só todo um universo de preciosas precepções, acredito ser possível eleger que uma das maiores novidades, a qual o pensamento de Klein dá ensejo, é a possibilidade de colocarmos para trabalhar o controverso, mas extremamente rico, conceito de *fantasia inconsciente*. Por meio dele, o psiquismo empresta uma aquarela de afetos a uma das mais interessantes teorias às quais o pensamento de Freud pôde nomear: as *fantasias sexuais infantis*. E, para além do desenvolvimento

² Todavia, ressalto que, em minha leitura, as obras mais tardias de Melanie Klein, apesar de ainda marcadas por essa tônica desenvolvimentista, já nos permite esta leitura imputada por muitos a uma leitura bioniana da obra da autora.

que Freud soube dar a esse conceito, foi somente a partir do deslocamento do foco dos mecanismos de defesa (principalmente do recalque), para as angústias que os orientam, que passamos a construir hipóteses sobre a construção e a organização das dinâmicas intrapsíquicas, *relações de objeto*, às quais, inclusive, temos (nós e o analisando) somente um acesso parcial, através das formações de compromisso que se atualizam na relação transferencial.

Essas formações, vale ressaltar, seguindo a preciosa intuição de Karl Abraham (que foi analista de Melanie Klein), são um produto de linguagens e dialetos afetivos que o corpo vai aos poucos criando, na medida em que a libido vai percorrendo suas vicissitudes, desenvolvendo a história sexual de cada indivíduo. Para Freud, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), a sexualidade metaforicamente consiste no resultado da confluência de toda uma bacia hidrográfica de pulsões parciais, perversas e polimorfas, que acaba por desaguar em um ou mais rios principais que irão fazer com que toda a riqueza mineral, vegetal e animal, que é colhida por cada qual de todos esses afluentes (que vem das mais diversas regiões do psiquismo), possa se misturar em uns poucos rios principais, antes que acabem finalmente encontrando o seu destino junto ao mar da sexualidade adulta. Sim, para Freud, na saúde, “navegar é preciso” e precioso.

Essa bela metáfora, construída por Freud ao tentar ilustrar um modelo que pudesse nos ajudar a visualizar a formação da sexualidade adulta, busca ilustrar o momento (puberdade?) no qual as pulsões parciais se organizariam, com a intenção de que a libido, quando tudo corre bem, desenvolva-se para investir em um objeto total, ou melhor, para que um outro ser humano possa ser desejado para a produção de um encontro fértil no qual a novidade possa emergir em ambos. Apesar desta parecer ser uma proposta simples, vale lembrar que desejar de forma adulta, para Freud, implica que o indivíduo possa ser amado para além de sua ameaçadora alteridade e, conseqüentemente, possa ter essa mesma atitude perante os demais seres humanos que o cercam, algo que utopicamente deveria ser preservado pela civilização. Assim, a sexualidade freudiana não ocorre como num passe de mágica, pelo contrário, é cheia de percalços e forma-se por apoio em funções vitais do animal homem, como uma decorrência natural de sua pré-história, a perversidade polimorfa da sexualidade infantil. E não, tal como costumavam preconizar os cientistas do século XIX, mediante a teoria da degenerescência, ao afirmar que esta simplesmente surgia do nada com o advento da puberdade, “como o demônio nos porcos”, conforme chegou a afirmar Freud, fazendo uma alusão à passagem bíblica.

Portanto, ao deslocarmos a tônica dos mecanismos de defesa para as angústias que os organizam, enredos se desenvolvem, limitados às possibilidades sensoriais

que vigoram no indivíduo, formando-se a partir de dinâmicas singulares que se desenham negativamente e de modo complementar, e por meio do qual o indivíduo encena seu drama pessoal. Como o Eu não é uma unidade, é possível verificar um enredo diferente a partir de cada um dos múltiplos complexos que o formam, porém, tal qual ocorre com a alternância da posição esquizoparanoide para a posição depressiva, existem pelo menos duas versões preponderantes da mesma história. e, ainda que muitas vezes o analisando, por conta da transferência, não se dê conta da existência dessas narrativas, aquilo que seu Eu irá autorizar que ele manifeste na forma de fala, quer ao seu analista, quer a suas relações pessoais, é uma formação de compromisso que os mecanismos de defesa montam de modo condensado e deslocado, para que possa contar com a autorização do Eu possibilitando que, para além dos fortes afetos que costumam estar ali presentes influenciando a situação, esta fala possa ser produzida e sua comunicação, autorizada ao analista, não gerar excessivas flutuações no psiquismo do narrador. Nesse sentido, conforme preconiza Klein (1946/1982), o psicanalista deve ser muito cuidadoso ao lidar com os mecanismos de defesa, pois a sua supressão pode deixar o sujeito nu diante de seus próprios fantasmas, algo que, em termos práticos, equivale a um acirramento da angústia ou da censura.

Esse movimento muitas vezes consiste em uma resistência ao entrar em contato com a angústia, gerada pela percepção de uma situação na qual o indivíduo sente-se desprovido do poder que almejaria ter diante de certas situações emocionais. A baixa tolerância à frustração é, portanto, um efeito que resulta do sentimento de desintegração que ameaça o psiquismo despertado pelos aspectos subjetivos mais destrutivos (que, segundo Klein, envolve a defusão da pulsão de morte que acaba por voltar-se contra o Eu). Na situação analítica, esses aspectos subjetivos destrutivos podem ser projetados na figura do analista, que, espelhando-os, passa a ocupar um lugar idealizado no imaginário do analisando, trazendo com isso, conseqüentemente, sentimentos que, ao mesmo tempo em que envolvem um sentimento amoroso, são igualmente coloridos de inveja e persecutoriedade.

Vale lembrar que, como o mecanismo de defesa que costuma estar em voga nesse momento de desorganização é a *cisão*, ou *dissociação*, geralmente, o analisando se defende mantendo dissociados elementos que poderiam, caso percebidos conjuntamente, trazer angústias impensáveis à tona³. Visando

³ Vale lembrar que, como no inconsciente não há contradição, torna-se possível manter vivas várias histórias a respeito de qualquer que seja o assunto.

ilustrar esse tipo de funcionamento, em sua versão mais onipotente, o sujeito alucina uma versão de si ou de sua própria história, na qual, embora ele esteja narcisicamente situado no centro da trama, fica incapacitado de protagonizá-la. Passa, então, a haver alguns personagens coadjuvantes em histórias paralelas às suas, que lutam para “roubarem a cena”, de modo que o Eu vai aos poucos se tornando ineficiente e desvitalizado.

Nessas narrativas, o Eu tanto pode figurar como vítima de uma situação ou, pelo contrário, como aquele que, de modo autônomo e independente, resolve todo e qualquer conflito que surge, “matando um leão por dia”, mas desesperado sem saber por mais quanto tempo conseguirá continuar nessa hercúlea façanha. Sua onipotência organiza a história de modo tal que “o mau” ou esteja ou possa ser encontrado no ambiente, o que, embora o torne passível de ser vencido mediante atos de guerra, impede que o sujeito venha a fruir dos espólios desta, dado que permanece eternamente à espreita do próximo possível ataque. Assim, mediante simples ações unilaterais, o indivíduo imagina que em algum momento irá triunfar sobre a tortuosidade, restabelecendo, com isso, a paz que sonha um dia ter gozado e que continua a lutar constantemente para recuperar. Essa situação de paz teria sido perdida em algum momento, quer por uma fragilidade temporária que o levou a descuidar-se, quer frente a um ato de vilania de algum sujeito que, perversamente, aproveitou-se da brecha e triunfou sobre a situação. A paixão, nesse sentido, costuma ser vista como algo bastante ameaçador, pois deixa as fronteiras do Eu confusas e, conseqüentemente, mais propensas à invasão.

Paralelamente, existe outra versão, outro olhar, este talvez menos inocente ou defensivo, no qual o sujeito, desta vez menos perseguido, pode entrar em contato com o sentimento de desintegração que certos tipos de pensamento podem gerar e, ainda assim, permanecer minimamente integrado e lidar com a inquietação que estes causam. Desse modo, seria uma cena latente, oposta àquela na qual o Eu se vangloria de seu triunfo, ou evoca alguns de seus demônios pessoais, aqueles que seu discurso costuma escamotear, mas que, sob alguns ângulos também podem ter seus semblantes vislumbrados em conformidade com o colorido dos afetos que estão presentes na complexidade abarcada pela experiência emocional que se atualiza nas relações, incluindo a relação transferencial vivida com o analista. Essa escuta nos permite criar hipóteses a respeito de sua influência sobre a ação do sujeito que, sob o signo dessas fantasias idealizadas, sofre com o poder soberano do determinismo intrapsíquico, um mar repleto dos mais contraditórios conflitos, entre os quais a própria questão que envolve o livre arbítrio, voluntariedade, é apenas mais

um detalhe, algo que Freud chamou de terceira ferida narcísica e que, segundo o autor, foi desvelada pela psicanálise.

Situação clínica

Busquei uma situação que pudesse ilustrar as hipóteses acima aventadas, partindo inicialmente de duas situações da clínica. A primeira é o caso de um analisando cujos ataques invejosos à função analítica acabavam criando terríveis óbices à possibilidade da existência e da instauração, tanto de uma relação terapêutica mais profícua, como também do analisando abrir mão de certas crenças e costumes ainda que os considerasse inúteis e inconvenientes, para dar assim ensejo para que o novo pudesse surgir como resultado da integração de aspectos dissociados de seu psiquismo. A segunda hipótese seria a possibilidade de tentar sonhar, com base no conto bíblico sobre Caim e Abel, qual teria sido o papel de Lúcifer que, no Jardim do Eden, movido pela inveja, toma a forma de uma serpente para “tentar” Eva, a primeira mulher, maculando com isso a criação daquilo que teria sido a mais sublime obra do Criador: o ser humano. Felizmente (ou não), para o leitor, enquanto ponderava sobre o que iria escrever, acabei entrando em contato com essa simpática música interpretada por Mart’nália, “**Boto meu povo na rua**”⁴, do álbum *Menino do Rio*, que, de uma forma poética e bem humorada, traz como pano de fundo uma situação em que o narrador sofre diante da ambivalência de sentimentos referentes a uma relação amorosa que o submete e o tortura, fazendo-o se sentir diante de um relacionamento abusivo.

Nessa letra é possível vislumbrar aquilo que Freud soube designar como *umheimilich*, ou aquilo que pode ser considerado como estranhamente familiar e que tem o condão de irromper, ora causando riso, ora angústia, terror e desconcerto. Enfim, dependendo do lugar com o qual se identifica aquele que escuta a música, é possível ouvi-la de um modo diferente, criando um caleidoscópio de versões para a realidade. Nesta, existem alternativas que podem, e ao mesmo tempo não podem, existir. Em cada interpretação da música é possível ouvir o primitivo, o afetivo, o racional, o mágico e o absurdo, todos estes expostos de uma forma que nos permite vislumbrar a pluralidade da realidade, que depende, ao mesmo tempo, da conjunção do olhar daquele que relata uma situação angustiante com aquele que a ouve do lugar de receptor da mensagem e que se coloca, ou não, em uma posição de continente;

⁴ Autores: Acyr Marques, Arlindo Cruz e Ronaldinho

Segue a letra:

“Boto meu povo na rua”

(Mart’nália, 2004)

Pra te ganhar
Dei sujesta em vagabundo
Dei a volta pelo mundo
Eu mergulhei fundo sem medo de errar
E você fica nessa querendo esnobar
Meu amor que é tão profundo
Tá na hora de parar com isso
Eu jogo um feitiço pra te apaixonar
Tomara que você me entenda
Ou eu faço oferenda
Pro meu orixá
Já é hora de parar com isso
Ou eu jogo um feitiço pra te apaixonar
Eu escrevo teu nome menina
E despacho na esquina
Se o santo mandar
Tá na hora de parar com isso
Ou eu faço feitiço pra te apaixonar
Eu boto um litro de cachaça
Farofa de mel e dendê
Na rua onde você passa
Feitiço pra amarrar você
Que a minha vida não tem graça
Não quero/posso mais viver assim
Então deixa de pirraça
Eu quero teu amor pra mim
Se até dez horas da noite você não voltar
Eu boto meu povo na rua pra te procurar
Se até dez horas...
Se até dez horas da noite você não voltar
Eu boto meu povo da rua pra te procurar
Minha paixão é verdadeira
Eu quero você por inteira

Se fossemos seguir aqui uma proposta mais lacaniana, que em seu “retorno a Freud” elegeu o *significante* como elemento preponderante para orientar uma leitura interpretativa do que estaria latente ao discurso⁵, poderíamos trabalhar pelo menos quatro possibilidades de entendimento, quatro modos de interação humana, isto sem mesmo nos aprofundarmos nas dinâmicas envolvidas nas relações de objeto que estão latentes às relações afetivas descritas pela música. O discurso do mestre, que, grosso modo, exclui a fantasia nos levando a escutar o que está sendo veiculado, como a fala de alguém que sabe qual é a verdade para outra pessoa que não sabe (algo que, ao meu ver, seria a leitura mais ordinária da música), escamoteia o fato de que quem produz o discurso é um *Sujeito* e que, portanto, no *não dito* dessa produção esconde-se uma verdade sobre o desejo: a *verdade do interesse do Sujeito*. Tal qual acontece na música, quando o receptor da mensagem inconscientemente recebe a verdade sobre o não dito, que está escondido por detrás da mensagem veiculada, como em uma piada bem sucedida, isto cria um efeito de riso, que enfim dá a tônica da música de Mart’ália.

Segundo Lacan, o discurso do mestre pode progredir ou regredir. O movimento regrediente cria aquilo que chamamos de discurso do universitário, que é um discurso no qual um agente transmite um saber para um outro, com a intenção de que este outro, de posse dessa verdade que é transmitida, possa vir a tornar-se alguém de valor (veja lá!): neste o que fica escamoteado é a impossibilidade fálica de qualquer saber, como algo que possa outorgar a alguém esse determinado tipo de poder. Progressivamente, o discurso do mestre se torna o discurso da histérica, em que o sujeito se coloca no lugar de objeto do desejo, despertando, através de sua sedução, o desejo do outro, desejo este que passa a figurar como a verdade do que deve ser produzido em uma relação humana. Enquanto isso, o discurso do analista se coloca como suporte para a fantasia do paciente como possibilidade de entregar ao outro os efeitos que são produzidos pelo fato de o Sujeito estar supostamente colocando o analista em um lugar que, fora do discurso, é impossível de ser ocupado, mas que se transveste como semblante de objeto do desejo. Todavia, simplesmente pontuar essas inversões, apesar de servir de bússola, criando a possibilidade de nos localizarmos diante de uma fala que é veiculada, ao meu ver, torna as interpretações menos interessantes, dado que não estaríamos buscando entender as dinâmicas mais propriamente inconscientes que constam da poesia

⁵ A teoria dos 4 discursos que abordarei aqui apenas de maneira bastante superficial é muito complexa e suas digressões constam do seminário 16 – O Averso da psicanálise de Jacques Lacan.

da música, mas como, partindo de uma fantasia fálica, o Sujeito cria efeitos de significação através do modo em que se comunica. A teoria dos discursos foi desenvolvida como uma digressão da ideia freudiana de que haveria duas profissões que seriam impossíveis, dadas as demandas que lhes arrefecem: governar e educar, às quais Freud acrescenta uma mais – psicanalisar. Para Lacan, existe algo que não é dizível, ou seja, impossível de subscrição por meio do discurso: o *Real*; o que faz com que toda fala fique marcada pela falta desse impossível de ser traduzido. Assim, no que diz respeito às interações humanas, no discurso do mestre e no do analista, a verdade dessa falta remete ao impossível. Enquanto que no discurso do universitário e no da histórica, em face a sua tônica imaginária, essa falta fica remetida à impotência.

Dentro de um modelo de leitura mais kleiniano, baseado principalmente no conceito de identificação projetiva, podemos pensar que o nosso autor é um sujeito de grande poder, que faz e acontece e que a pessoa por quem ele está apaixonado está colocando a prova esse poder sobrenatural de que goza o autor da música. Dentro do espectro de poder do qual goza, não há quem possa se contrapor a ele, pois além de ser um cara bom de briga, que inclusive já deu um sacode no antigo namorado do receptor, para, triunfante, tê-lo trazido para perto de si, nosso protagonista também controla as forças do submundo sobrenatural, gozando de grande influência pessoal diante de santos, exus, espíritos e orixás, aos quais ele simplesmente denomina de “povo da rua”. Obviamente, diante de tamanha potência, não é indicado que o receptor continue agindo com indiferença, como se não se importasse com o autor, pois, se continuar a fazê-lo, obrigará esse protagonista a utilizar tal influência nefasta que goza junto às entidades do candomblé, para que estas resolvam essa pendência de uma vez por todas, exigindo daquele a que se direciona a música total submissão. O receptor é sem dúvida alguém de responsabilidade bastante duvidosa, alguém que obriga o autor a apelar, por uma questão de prudência, para essa sua singularidade hermética de que goza junto às entidades das quais é íntimo, a fim de evitar que o receptor novamente volte a se encrencar. Algo inevitável, afinal, dada a sua natureza infantil e ingrata, que além de tudo é incapaz de reconhecer todos os esforços que o autor, que ocupa o lugar do adulto responsável, já teve que empreender para manter o receptor a salvo, inclusive de sua própria indolência.

Por meio da *identificação projetiva*, o sujeito utiliza o outro como recipiente para as angústias intoleráveis que não consegue integrar e que, uma vez projetadas, permitem que aquele que as projetou se identifique com elas, em uma situação em que o indivíduo passa, diante da impotência de lidar com

conteúdos indigestos que não podem ser absorvidos ou elaborados pelo seu próprio psiquismo, retornam do lado de fora do corpo, por meio da ação daqueles que nos são próximos e nos quais esses conteúdos se atualizam. Isso ocorre em face do psiquismo ter menor dificuldade em livrar-se ou de se defender de estímulos aversivos externos do que de estímulos aversivos internos, mesmo porque se estes forem internos, isso significa que o indivíduo já foi invadido. Para Freud (1930/2010), esse mecanismo defensivo de projeção é o resultado da interação do psiquismo ainda primitivo do bebê com um mundo que nem sempre o gratifica, ou que lhe apresenta nuances e sensações desagradáveis, das quais o bebê irá tentar desvencilhar-se. Essa medida protetiva leva o bebê a buscar refúgio em um Eu de prazer purificado, do qual são expelidos todos os objetos frustrantes:

Um outro motivo para que o Eu se desprenda da “massa de sensações”, para que reconheça um “fora”, um mundo exterior, é dado pelas frequentes, variadas, inevitáveis sensações de dor e desprazer que, em sua ilimitada vigência, o princípio do prazer busca eliminar e evitar. Surge a tendência a isolar do Eu tudo o que pode se tornar fonte de tal desprazer, a jogar isso para fora, formando um puro Eu-de-prazer, ao qual se opõe um desconhecido, ameaçador “fora”. As fronteiras desse primitivo Eu-de-prazer não podem escapar à retificação mediante a experiência. (Freud, 1930/2010, p. 10)

Vale lembrar que, nesse ponto específico, há uma divergência significativa entre a teoria de Freud e de Klein, pois, para Freud, a constituição de um Eu de prazer purificado é o que dará início ao processo de diferenciação que cria o Eu a partir do Isso, bem como as noções espaciais de “dentro” e “fora”. Para Klein, desde o início da vida, já existe um Eu incipiente que realiza esse tipo de operação, todavia, há possibilidade de sentir gratificação com as experiências. Também em Klein é o resultado da possibilidade da instauração no *self* de um *bom objeto*, igualmente passível de sobreviver aos ataques desintegradores de frustrações que lhe fustigam, quer advindas do movimento pulsional, quer da realidade.

Apesar de se tratar de um relato fictício, podemos partir da premissa freudiana de que “quando Pedro fala de Paulo, mais eu sei sobre Pedro”, para sonharmos o autor como alguém que, nesse momento de dor, encontra-se bastante paranoico, seu mundo interno tortuoso de certezas e de pensamentos mágicos, e que a falta de controle sobre a ação do receptor o deixa muito desorganizado e se sentindo completamente impotente diante da impossibilidade de colocar rédeas na ação do receptor. Nesse sentido, a verdade escamoteada, por detrás do relato do

intérprete, é o ciúme e o terrível sentimento de impotência que experimenta em uma relação em que sente que o receptor, em uma atitude abusiva, aproveita-se de seu amor para tripudiar sobre ele que, conseqüentemente, passa a se sentir impotente para tolerar a frustração que advém de uma percepção (talvez equivocada) de que o outro sem ele está deveras triunfante.

Dessa maneira, o receptor acaba transformado em alguém superpotente e idealizado, que desperta no autor sentimentos de baixa autoestima e inveja, sentimentos que não serão tolerados e que, portanto, serão repreendidos por meio dos superpoderes dos quais de repente o autor passa a gozar. Enfim, caso eu não esteja equivocado, e o autor do poema de fato não possua os poderes ocultos dos quais afirma dispor, tal qual Freud descreve no primeiro capítulo de *O mal-estar na civilização* (1930/2010), o narrador faz uso do pensamento mágico, buscando substituir o desamparo infantil e a nostalgia da proteção paterna por um narcisismo ilimitado – como diz a intérprete Maria Rita na canção *Cara Valente*: “Não faz assim rapaz / Não bote este cartaz / Que a gente não cai não!”

Uma outra versão, “menos Nelson Rodrigues”, aponta para algo um pouco menos trágico e não tão encantado. Nela podemos vislumbrar um casal adulto diante de suas diferenças, tal qual estas se apresentam na vida cotidiana madura, o receptor e o autor formam um casal que está passando por dificuldades que envolvem o tema dos ciúmes. O locutor parece se sentir bastante inseguro diante da percepção de que o receptor não depende tanto dele quanto ele gostaria que o fosse, e que o amor, tal qual qualquer situação emocional, está sujeito às vicissitudes que envolvem a convivência de qualquer casal, na qual a demanda de um, por mais que o outro se sacrifique, jamais será capaz de ocupar o lugar de ser tudo para o outro, algo que costuma ser muito doloroso e trazer muitos conflitos, principalmente em momentos de solidão e desamparo. A falta de submissão do outro ao desejo do autor cria um espectro sinistro, no qual o receptor acaba ficando, na fantasia do primeiro, em uma posição idealizada, que ao mesmo tempo inveja a potência que ele mesmo inconscientemente aufere ao outro. A noção de *fantasia inconsciente*, tal qual é tratada por Klein, ajuda-nos a sonhar um objeto que está presente em múltiplas dimensões, materialidades e espaços, o que inclusive abarca o espaço transicional, nem dentro, nem fora, mas entre, uma das maiores contribuições de D. W. Winnicott ao pensamento psicanalítico.

Conclusão

Apesar deste texto não ter conseguido atingir o grau de clareza que eu gostaria que tivesse, acho válida a compreensão de que a partir do modelo freudiano imputado à interpretação de sonhos, a sala de análise transforma-se em um espaço no qual é possível sonharmos nossos sonhos. A escuta do analista dá margem para que o analisando possa dar vazão a sua criatividade, dando ensejo a inúmeras versões possíveis do mesmo sonho, tal qual ocorreria se muitas pessoas tivessem acesso ao material onírico, cada qual a imputar a este sua própria versão, tudo isso sem que possamos concluir, tal qual teria sido o ideal da ciência moderna e muitas outras ciências ocultas antes desta, qual seria o último significado a ser imputado ao texto do sonho. A ideia desenvolvida por Freud de *umbigo do sonho*, inclusive, torna possível o ensonhamento da existência contígua de inúmeras versões para um mesmo relato de sonho, sem que uma tenha o condão de invalidar as demais e, a partir de cada uma delas, a abertura da criatividade do determinismo psíquico presente em cada um de nós, livre associar sobre essas, pintar quadros, interpretar, escrever livros e fazer piadas sobre aquilo que tais versões nos mobilizam e sobre as quais gozamos de tão ínfimo controle.

When the saint is not strong

Abstract: This essay seeks to illustrate through the poetry contained in a song by Mart'nália the possibility of glimpsing ghosts determined psychically through unconscious identifications that, in a rigid movement, end up establishing the place from which the individual, who carries them in his unconscious fantasy, is called upon, in his position as receiver of a message within the Tower of Babel of communication, to respond. The flexibility of this position coincides with the achievement of an alternation between the depressive and schizo-paranoid positions.

Keywords: Bion. Depressed position. Klein. Projective identification. Unconscious fantasy.

Referências

- Freud, S. (1980). Sobre o início do tratamento. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 163-187). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (2010). O Mal-estar na civilização. In S. Freud, *Freud: Obras completas* (Vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Freud: Obras completas* (Vol. 6). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Klein, M. (1982), Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar. (Trabalho original publicado em 1946)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 15/01/2020

Aceito em: 02/03/2020

Felipe Ferreira De Nichile
Rua São Carlos do Pinhal, nº 124
01333-000 – São Paulo – SP – Brasil
E-mail: felipenichile@gmail.com